

Caras leitoras, caros leitores,

Temos a grande satisfação de apresentar a edição número 36 (2018) da *Revista de Italianística*. Autonomia, uso do dicionário, novas tecnologias, aulas invertidas, material didático, língua de herança, EaD, motivação, tecnologias livres e linguagem do turismo são temas que, inseridos no contexto do ensino e aprendizagem do italiano, dão-nos uma prévia do que será tratado nos artigos desse número.

Dessa forma, **Daniela Aparecida Vieira**, residente pós-doutoral do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, investiga a questão da autonomia discente nas aulas de italiano como língua adicional. A partir de uma perspectiva metodológica de cunho qualitativo e interpretativista, em que convida um grupo de aprendizes a refletir sobre as próprias estratégias de aprendizagem, a autora reforça a premissa de que é possível oferecer um ambiente de estudos em que sejam contemplados tanto a aprendizagem na e sobre a língua, quanto a reflexão sobre estratégias individuais de aprendizagem dos alunos, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento de sua autonomia. Uma das principais técnicas utilizadas pela autora consiste no levantamento das diferentes maneiras de aprender dos alunos, em aula, com a ajuda de questionários e jogos pedagógicos.

Rômulo Francisco de Souza, residente pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Universidade de São Paulo, apresenta os resultados de uma pesquisa em que buscou perceber os lugares e os tempos dedicados ao ensino sobre o uso do dicionário na prática de professores de italiano como língua adicional no Brasil e na Europa, predominantemente na Itália. O autor constata que existe a preocupação com o ensino sobre

o uso desse recurso, em ambos os grupos de professores, sendo tendencialmente escolhidos para abordar o tema os chamados rituais introdutórios de suas aulas e cursos, sobretudo entre os brasileiros.

Em sua contribuição, **Jadirlete Lopes Cabral**, da Universidade Federal da Bahia, traz o relato de uma experiência em que lançou mão de novas tecnologias da comunicação e informação (TIC), associadas a propostas metodológicas que considera não tradicionais, com o intuito de incentivar a autonomia e a cooperação entre seus alunos, estudantes de graduação na mesma universidade. Entre as novas tecnologias utilizadas pela autora estão aplicativos, como o Whatsapp e o Spotify; ambientes virtuais de ensino e aprendizagem, como o Moodle; e e-mail. Em relação às estratégias metodológicas, destaca-se o envio diário de conteúdo e de atividades, em pequenas quantidades, aos alunos, por meio dos aplicativos.

Diz respeito à produção de materiais didáticos em cursos de italiano no Brasil, o texto de **Tatiana Iegoroff de Mattos, Fernanda Landucci Ortale, Rosângela Maria Laurindo Fornasier e Vinício Corrias**, todos da Universidade de São Paulo. De fato, as autoras e o autor fazem um relato sobre o desenvolvimento de material didático de italiano como língua de herança no contexto do município de Pedrinhas Paulistas (SP), ex-colônia italiana. O material visa a apoiar um curso com o mesmo tema, realizado no município, como parte das ações de um projeto de revitalização da língua italiana e de aspectos culturais da comunidade. Uma vez identificada a demanda por materiais didáticos específicos para esse contexto, os autores lançam mão de histórias de vida dos membros da comunidade; de textos de memórias; de poemas; de crônicas; e de notícias de jornais para compor o material didático e o curso.

Cristiane Maria Lopes Landulfo, Alessandra Paola Caramori e Adriane Viana, da Universidade Federal da Bahia, apresentam uma análise de materiais didáticos, em sua maioria livros, usados no Brasil para o ensino de italiano como língua adicional, dando ênfase à questão da representação da pluralidade linguístico-cultural dessa língua. As autoras partem da premissa de que o italiano não é a língua oficial apenas da Itália, mas também de outros países, como por exemplo a Suíça, a Croácia, a Eslovênia e o Vaticano; sendo, também, amplamente falada em Malta e em outras regiões. Frente a esse cenário, elas se questionam se e como essa multiplicidade cultural do italiano aparece nos materiais didáticos de seu corpus. De forma bastante enfática, elas mostram que há, nesses materiais, uma quase ausência de referências a esses países e a essas culturas em que também se fala o idioma italiano.

Janine Cestaro e Kyria Finardi, da Universidade Federal do Espírito Santo, apresentam uma análise com dados qualitativos e quantitativos relacionada à oferta e à procura nos cursos de italiano do Núcleo de Línguas daquela universidade e na Associação de Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo (ALCIES). Embasadas no universo dessas duas instituições, as autoras defendem que o italiano no Espírito Santo é uma língua pouco procurada para estudos. Tal constatação, para elas, apresenta-se contraditória e digna de investigação, quando lembram que esse está entre os estados do Brasil com o maior percentual de imigrantes italianos.

A pesquisadora **Antonella Elia**, da *Istanbul Üniversitesi* (Universidade de Istambul),

apresenta um relato de experiência em que envolve seus alunos de italiano na elaboração de um guia turístico multimídia utilizando o sistema wiki livre Pbworks. O projeto, colaborativo e construtivista em sua essência, inspira-se na plataforma Wikivoyage (WV), especializada em turismo, e reflete, segundo a autora, o modo como os guias turísticos vêm sendo construídos atualmente com o advento da chamada web 2.0, a saber: de modo colaborativo, contando com informações inseridas pelos internautas. Motivar os alunos por meio da participação em projetos significativos, negando um modelo de ensino embasado na repetição, na memorização e nas aulas expositivas é portanto objetivo do projeto.

A revista encerra-se com as contribuições de **Francesco Diodato**, da *Kyoto Sangyo University* (Universidade de Quioto), que propõe uma série de reflexões sobre a relação entre docente e aprendiz e sobre possíveis modelos de gestão dos alunos em classe, visando à manutenção de um ambiente favorável à aprendizagem. Manter um baixo nível de estresse, mas com o cuidado de não negligenciar as regras; priorizar uma postura com autoridade e não autoritária, permissiva ou até democrática; e adotar um sistema de consequências ao invés de um sistema de recompensas e punições são exemplos de eixos temáticos abordados pelo autor.

Ressaltamos que alguns dos artigos deste número foram apresentados em comunicação oral no Congresso da Associação Brasileira de Professores de Italiano (ABPI), realizado em 2017. Uma vez enviados à revista, foram submetidos ao mesmo processo de avaliação às cegas, por pares, que os demais artigos.

Agradecemos à Tatiana Iegoroff de Mattos e à Maria Vitoria Di Bonesso pela colaboração voluntária na preparação desta edição da Revista e desejamos a todas e a todos uma ótima leitura!

Angela M. T. Zucchi, Elisabetta Santoro e Rômulo Francisco de Souza
Organizadores do número XXXVI da *Revista de Italianística*